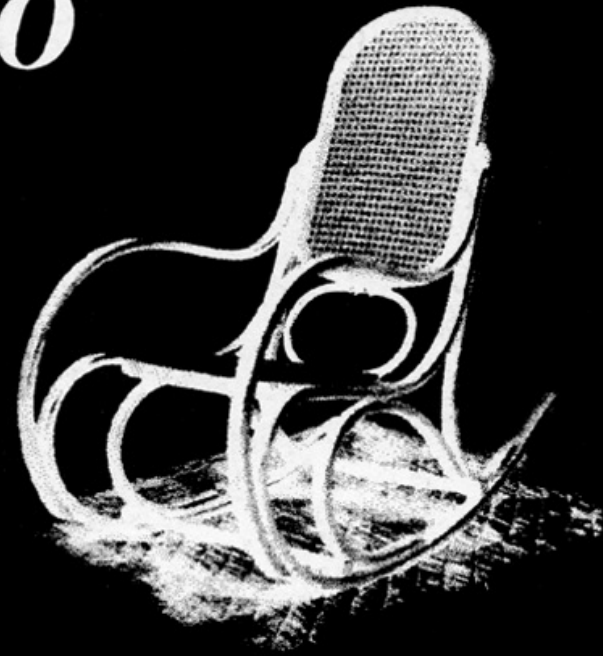


**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

*A escada
de Jacó*

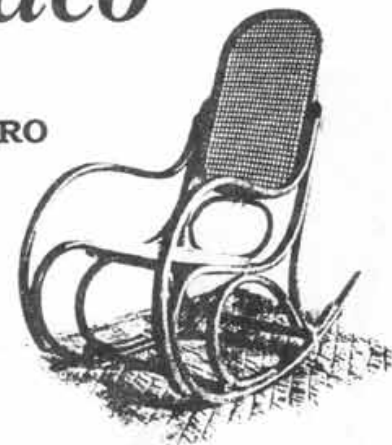
josé luiz ribeiro



**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO
apresenta**

A escada de Jacó

de
JOSÉ LUIZ RIBEIRO

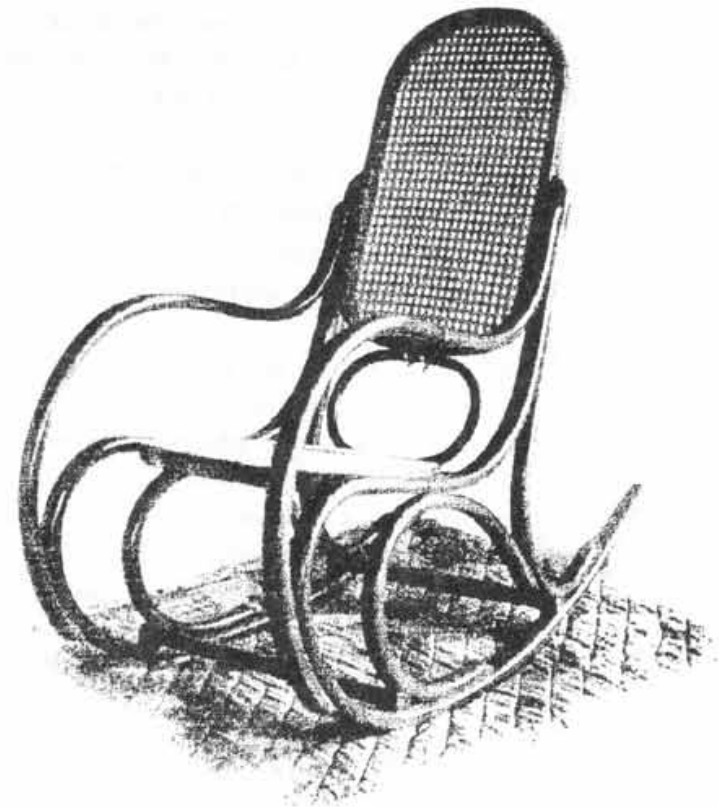


Outubro - Novembro

1995

*Não é a manteigueira cor-de-tangerina
o itinerário das lembranças.
Mas o retrato escovado, pálido, da Tia Maria
que morreu de melancolia
nos vitrais da insônia.*

Marta Gonçalves



A ESCADA DE JACÓ

José Luiz Ribeiro

A *escada de Jacó* é um texto que tem como temática o assassinato da memória na sociedade contemporânea e tem como consequência a crescente desumanização que condena o idoso a uma incômoda posição de renegado.

A figura arquetípica de cinco idosos é o ponto de partida para traçar o painel de um cotidiano recheado de lembranças e observações corriqueiras. Como se a dinâmica da vida fizesse uma pausa para encorajar a ultrapassagem fatal.

É uma peça de texto, subtexto e climas. Uma peça de ação verbal, em que a necessidade de encontrar um ouvinte é a própria afirmação de vida dessas personagens que vivem numa clínica geriátrica, administrada por uma enfermeira alemã.

A mesclagem de humor e drama resgata a comédia lacrimajante e busca, através de *flashes* do cotidiano, puxar, do fundo da memória, fantasmas de antepassados que, mais do que deuses tutelares, se transformam em fúrias angustiantes.

Numa cenografia teatralista em que as paredes não se encontram, achamos, simbolicamente, um campo da memória que vai sendo esgarçada e perdida. As paredes não tem continuidade, as portas estão soltas e os planos dos cômodos superpõem-se. Os móveis são âncoras e a cadeira de balanço marca o tempo e, simbolicamente, adquire o valor de um mundo inseguro que subverte valores morais e éticos.

Cada personagem guarda seu segredo e este é o ponto de interseção dessas vida. O cotidiano, cheio de conflitos, as brigas por suas mesquinhas, por pequenas causas traçam um painel arquetípico do comportamento do idoso brasileiro e sua penalização com a condenação ao

esquecimento pelos familiares absorvidos na corrida do dia-a-dia de uma sociedade massificada e consumista.

O paralelo entre o rural e o urbano habita essas personagens que formam núcleos especulares. Sara e Isaltino guardam lembranças caipiras, atestando suas raízes que lhes infunde o vigor do bom humor. Leôncio, ex-chefe de Repartição Pública, Felícia, uma ex-diretora de Grupo Escolar e Deodato, um militar reformado representam uma classe média achatada, mas conservam, ainda, dos tempos da ativa, um potencial de dominação sobre os outros que manifestam a cada momento.

Deoclécia, a dona da Clínica esconde-se sob a máscara fria de uma formação germânica, mas não deixa de ser solidária com esses velhos queridos. Marcelo Augusto é um estagiário idealista que, com insegurança, dá seus primeiros passos profissionais. Tiana, a velha empregada, é uma testemunha, às vezes muda, que representa um exemplo do idoso produtivo.

Encontram-se todos no centro de uma luta viva pela afirmação de uma identidade que vai se esvaindo na falta de memória e de um espaço referencial próprio. Por isso se apegam ao resgate de fatos felizes e ao bloqueamento de desilusões e sofrimentos.

A escada de Jacó procura mergulhar no universo de uma situação nova e desorientadora, sobretudo para a classe média. O prolongamento do tempo de vida do cidadão - meta sempre buscada individualmente - não foi absorvida pela organização social em processo de desenvolvimento tecnológico.

O idoso precisa ser afastado do mercado de trabalho para dar lugar ao jovem. Entretanto, não possui condições de se auto-sustentar e as famílias, lutando pela sobrevivência não têm tempo para eles.

Assim, as clínicas geriátricas, mascaradas de clínicas de repouso, acabam, se tornando depósitos de peças descartadas do sistema produtivo e que o sistema afetivo quer esquecer.

UM OFÍCIO DRAMATÚRGICO

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

Uma peça teatral é parte de uma engrenagem complexa que só se define sob a disponibilidade de fé do espectador. Ela é um jogo de encontros dos ofícios do palco, e não é atoa que em inglês e em francês mesma palavra identifique a obra dramática, o ato de brincar, de jogar e de representar. Uma peça é um contrato firmado entre o autor, o encenador e o espectador, por isto não basta que seja escrita, mas é necessário que se ofereça à representação, num desprendimento de vaidades individuais desde o momento de sua concepção.

O autor dramático não é um escritor solitário, cuja única companhia sejam as criaturas geradas em sua ficção. Ele incorpora também a solidão dos corpos em que se instalarão esses seres ao mesmo tempo efêmeros e eternos, cuja aventura maior é uma incessante viagem no tempo, adequando-se a cada circunstância histórica a que são convocados. Por isso devem brotar de uma necessidade simbólica imediata, histórica, contaminada pela vida cotidiana que constrói as sociedades.

É nessa arena que temos testemunhado o nascimento de uma dramaturgia de urgência e comprometimento com o ofício teatral. É neste rol que inscrevemos a dramaturgia de José Luiz Ribeiro: o rol do diálogo das muitas tarefas de um autor camaleônico, prismático, cujo texto reflete vozes, gestos e humores complexos, porque emergem do contato direto e comprometido com a vivência na realidade empírica, num diálogo íntimo com a existência concreta de uma realidade cênica.

Nessa rede, José Luiz procura *enredar* histórias que sejam gritos de alerta que acordem os homens sem despertá-los dos sonhos. Histórias que resgatem memórias perdidas e que ecoam as manchetes dos jornais diários. Enredos dialógicos, cheios de fantasmas de textos encarnados e que desembocam numa dramaturgia intrinsecamente intertextual. Uma intertextualidade que

firmada pela tradição, incorporando paródias, ironia, carnavalização e se fazendo uma festa regeneradora da consciência.

Em *Girança*, prêmio Timochenko Webi, para texto inédito de autor nacional, a memória de uma cidade em afirmação de identidade, a Juiz de Fora dos anos 40, dialoga com a difícil tarefa de passar da infância para a adolescência. É deste diálogo a peça salta de uma dimensão regional para uma experiência universal: a apaixonante aventura da vida para o ser humano. A estrutura entrecortada, como flashes fragmentários de uma linha contínua ainda não terminada, incorpora superstições, práticas rituais e ritos práticos, sonhos e desilusões de vidas em trânsito de existência. São giros perplexos como as descobertas diárias que a infância planta na experiência do adulto.

Grito mudo, cujo título inicial era *Grito mudo de setembro*, é um grito de revolta contra a violência, a falta de solidariedade, o desrespeito e a indignidade dos pactos em vigência numa sociedade injusta que oprime, discrimina e distribui privilégios inaceitáveis. O diálogo com Bertolt Brecht de *O homem que sim e o homem que diz não* e dos poemas de denúncia contra a moral de fachada dos "homens de bem" é uma voz agregada à força da denúncia. Partindo de uma notícia de estupro das páginas de jornal, a peça se alarga para questionar o terreno escorregadio da ética dos privilégios arraigados e nunca contestados, convocando a sociedade para que os transforme em nome da dignidade humana. Assim se amplia da fonte inicial do fato para os ouvidos moucos das testemunhas passivas, condenando todo tipo de omissão à sentença de cúmplice das injustiças sociais.

Em *Canga* o palco traz à cena o silêncio histórico sobre a presença do negro na cultura e na sociedade brasileira. Sempre cruzando textos e imprimindo uma dicção irônica e conscientizadora sobre a hipocrisia social, José Luiz desmascara o preconceito embutido numa aceitação compartimentada e na negação histórica de vias de acesso social que o Brasil tem reservado à raça negra.

Em *Era sempre 1º de abril* o dramaturgo se antecipa ao *impeachment* e denuncia o engodo de uma eleição de cartas marcadas em que a prepotência acabou se revelando o oculto do discurso da modernidade. A força misticadora da comunicação de massa, numa paródia da história de *Pinóquio*, questiona a construção de uma imagem falsa que se impunha como viseira dirigida à unanimidade construída em ilha de edição. A carnavalização pontua toda a peça e a tragicomédia se constrói como ponta de lança dirigida à consciência.

Na trajetória do resgate histórico através das histórias humanas que constroem os pactos sociais, *Festa Brava* e *As meninas do Experimental* se debruçam sobre o universo adolescente e escolar. Em *Festa Brava* a escola já é lembrança para um grupo de colegas do curso secundário se reúnem para exorcizar fantasmas esquecidos da convivência estudantil. Na comemoração de dez anos da formatura, afloram ressentimento, preconceitos, frustrações, enfim, pequenos crimes que o cotidiano esconde.

Em *As meninas do Experimental* está em questão a problemática das barreiras sociais escondidas por detrás de um distanciamento entre discurso e prática na escola moderna. Aberta a franquia das metodologias pedagógicas, elas esbarram nas grades intransponíveis das discriminações arraigadas. E o aluno desliza entre a dissonância desses pólos, sofrendo as conseqüências de uma ordenação cruel apenas maquiada.

Entre muitas traduções, adaptações e versões livres de textos dramáticos em que se exercita a escritura do palco e o compromisso com uma linha de trabalho fundamentada na pesquisa ininterrupta há mais de trinta anos, *Todomundo* retoma o texto anônimo medieval *Everyman*. A peça, que discute as várias faces da morte como termo da aventura da vida, chama ao diálogo os arquétipos do tarô e faz da personagem-título o Arcano Zero. A violência da transitoriedade da vida, por sua vez, entra em contato com as incontáveis negociações que o homem faz para aceitar seu destino fatal e com isto

homem faz para aceitar seu destino fatal e com isto discute as diferentes formas de metamorfose e preparação que antecedem o confronto final.

A *escada de Jacó* fecha uma trilogia composta por *Girança* e *Todomundo*, pegando o homem em pleno conflito existencial, a passagem da maturidade para a velhice, da vida produtiva para a espera da morte. A cadeira de balanço assume, aqui, um simbolismo de segundo berço, cuja oscilação embala para o sono final.

Por outro lado, questiona o espaço, cada vez menor e mais desumano reservado aos idosos por uma sociedade perplexa com a sobrevida improdutiva daqueles de quem sugou todas as energias. Sem a bengala do afeto familiar, por desamor ou por força das próprias exigências produtivas, cinco velhos são confinados numa clínica para ali esperarem a morte sem atrapalhar os vivos.

Desamparados, eles se batem em confrontos tolos com os quais afastam, como instinto mesmo de sobrevivência, as mágoas que os afogam. Só assim, nessa competição absurda por migalhas de respeito é que conseguem notar que ainda não estão mortos.

É uma peça fluida, filtrada pelo mesmo humor irônico, cujo distanciamento permite à consciência entender que o incômodo da velhice é a advertência de que todos caminhamos para ela e que é urgente resgatar o respeito pela experiência acumulada.

A burocracia dos programas de integração sempre interrompidos e a hipocrisia das políticas de amparo à velhice, bem como o desamparo a que são submetidos pelo abandono familiar, lembra o espectador que serão aqueles que o precederam que, como diz Fagundes Varela, em *Cântico do Calvário*:

...Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das asas
Escada de Jacó serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

GRUPO DIVULGAÇÃO

O Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação desenvolve, desde 1966, uma atividade permanente em Juiz de Fora. Com mais de oitenta textos montados num espectro de apresentações em grandes centros nacionais e nas mais diversas cidades do estado, tem tido seu valor reconhecido, através de premiações nos mais expressivos festivais nacionais de teatro. Em 1984, sua montagem para *Esta noite se improvisa*, de Pirandello, foi apontada por uma comissão de críticos de jornais e revistas paulistas e cariocas, como um dos dez melhores espetáculos apresentados no eixo Rio-São Paulo. Em Juiz de Fora, já realizou uma média de 130 encenações anuais para o público infantil, adolescente e adulto, chegando a atingir o pique de 25.000 espectadores/ano.

Paralelamente às encenações, o Grupo Divulgação promove cursos regulares de iniciação ao teatro, prática dramática e formação de espectador, dirigidos a secundaristas e universitários, a núcleos de terceira idade e à comunidade juizforana em geral. Com os Seminários *Os caminhos do Teatro* e de *Dramaturgia* estabelece um diálogo com pesquisadores universitários e profissionais do teatro de relevância nacional. Este intercâmbio é responsável por uma oxigenação constante da experiência e o torna uma verdadeira escola de teatro.

Nomes de significação no cenário teatral brasileiro, como Paschoal Carlos Magno, Antônio Mercado, Yan Michalski, Naum Alves de Souza, Maria Helena Kühner, Clóvis Garcia e Ulisses Cruz têm reconhecido a qualidade da folha de serviços do Grupo Divulgação.

No âmbito da práxis dramática, tem oferecido ao público juizforano um painel dos mais importantes nomes da dramaturgia brasileira, como Joaquim Manuel de Macedo, França Júnior, Coelho Netto, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Silveira Sampaio, Mário Brasini, Lauro César Muniz, Jorge Andrade, Dias Gomes, Augusto Boal e Naum Alves de Souza.

A dramaturgia universal está presente dos gregos aos autores contemporâneos, trazendo à cena Sófocles, anônimos medievais, Shakespeare, Maquiavel, Molière, Goldoni, Goethe, Schiller, Gogol, Tchekhov, Gorki, Pirandello, García Lorca, Camus, Genet, Dürrenmatt, Ionesco, Arrabal e Mrozek.

Em temporadas regulares, de quartas a domingos, realizando uma média de 40 a 50 espetáculos, o Grupo Divulgação tem assegurado um público expressivo, cuja circulação no Forum da Cultura, edifício dos anos 20, tombado pelo Patrimônio, implica numa ligação com o requinte sem perder o caráter popular. Com um trabalho sedimentado no Projeto *A Escola vai ao Teatro*, um número crescente de estudantes tem acesso à experiência estética, desenvolvendo o espírito crítico e o gosto pela cultura teatral.

Atendendo a diferentes faixas etárias, o Grupo mantém um núcleo de teatro infantil que procura, não apenas fazer com que a criança possa vivenciar a magia do teatro, mas também servir de complementação educacional. Para isso discute temáticas atuais cujo universo se presta também aos pais e aos professores.

Com um elenco formado por estudantes e docentes, torna-se um espaço propício para a discussão de valores éticos e estéticos e para a aprendizagem de técnicas de criação artística tradicionais e que a sociedade de consumo vem fazendo cair no esquecimento. Construindo cada objeto do espetáculo, os atores se tornam mais do que intérpretes e preparam-se, não apenas para o palco, mas complementam sua formação acadêmica ou descobrem habilidades insuspeitadas.

Educação assistemática, qualidade artística dos espetáculos e construção da cidadania são a síntese de um trabalho fincado na realidade cotidiana, mas que procura impedir que o homem perca o impulso para a construção das utopias. O teatro, para o Grupo Divulgação é mais do que uma prática artística ou um exercício cultural, mas uma profissão de fé e um ato de vida.

A VELHICE NA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Jubel Barreto

Nesta sociedade que sacraliza tudo o que representa o novo e a novidade não há lugar para os velhos, a não ser como minoria, uma minoria mais desarmada que as outras para lutar por seus direitos.

E. Bosi afirma que a velhice, além de ser um destino individual, é uma categoria social, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A nossa sociedade industrial é maléfica para a velhice. Cita Simone de Beauvoir: *“As árvores que o velho planta serão abatidas. Quase em toda parte a célula familiar explodiu. As pequenas empresas serão absorvidas pelos monopólios ou se deslocam. O filho não recomeçará o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido da sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo”*.

Em sociedades mais estáveis, aos velhos é reservada uma função que lhes assegura o sentimento de dignidade: eles ensinam os ofícios, aconselham, narram as lendas, orientam os ritos, interpretam as histórias, arbitram os conflitos, etc. Por terem vivido muito e terem pouco por viver, eles reúnem a experiência e a isenção, o conhecimento e a serenidade e são ouvidos respeitosamente por sua sabedoria. Em nossa sociedade, dominada pela avidez do lucro, regida pela concorrência entre os mais fortes e marginalização dos mais fracos, empenhada no imediatismo do consumo de uma diversidade ilimitada de bens supérfluos, não há lugar para o velho. Se ele tem a propriedade de bens, terá de aferrar-se a ela como a um escudo que impõe o seu reconhecimento pelos outros e o protege contra o solapamento da sua dignidade.

Basta um olhar em torno para que se destaquem os inúmeros mecanismos, mais ou menos sutis, de rejeição à velhice. Há cada vez menos lugar para o velho nos nossos

apartamentos sem áreas livres para o jardim ou a horta, sem lugar para se deparar a gaiola, sem um canto calmo para os trabalhos de agulha. Andar pelas ruas vira um tormento, com a confusão de ruídos e os carros usurpando a mobilidade dos pedestres, os meios-fios altos, ausência de rampas, ônibus com degraus de difícil acesso, pessoas cada vez mais indiferentes ao esforço do velho para subir os degraus de uma escadaria carregando embrulhos ou à sua necessidade de recostar-se às paredes para espantar a fadiga ou enganar a dor que lhe castiga o corpo. É difícil imaginar que alguém tenha se lembrado dos velhos ao projetar a nova Avenida Rio Branco, que ilhou os velhos de um lado e outro, tornando quase impossível a complicada travessia para que possam se reunir os velhos da zona leste e da zona oeste e se sentirem habitando a mesma cidade.

Outra forma de rejeição é o falso respeito com que, sob o pretexto de se premiar a velhice com o merecido descanso, se afastam os velhos dos cargos de direção, convencem-no a ceder o lugar aos mais jovens, reservam-lhe empregos monótonos e subalternos, tornam-nos dependentes e infantilizados ao "administrarem" a sua aposentadoria, obrigam-nos a se mudarem de casa ou internarem-se em asilos e se lhes reservam as longas esperas nas filas dos guichês do pagamento da pensão, do atendimento médico, etc.

Na relação do adulto com o velho falta a reciprocidade, geralmente encoberta por um simulacro de tolerância que exclui a consideração à sua opinião, abafa as divergências, ignora as contradições.(...)

Não se trata aqui de defender ingenuamente o retorno da sociedade a moldes anacrônicos de organização, mas de restabelecer a primazia dos valores humanos como razão do progresso.

* (Excertos de Atendimento ao velho. HU Rev. Juiz de Fora : set/dez. 1995, v.18, p. 162-3)

A RELAÇÃO MÉDICO/PACIENTE IDOSO

Tarsila Campanha da Rocha Ribeiro

Sabe-se que, hoje em dia, o número de idosos cresce acentuadamente, seja pela campanha de controle da natalidade, seja pelos avanços alcançados pela Medicina. Entretanto, ao invés de crescer o respeito por eles, a sociedade os discrimina, impondo-lhes um regime de privações, descrédito e desconsideração. Já em sociedades mais estáveis, o idoso ocupa um lugar mais digno, sendo tido como exemplo de sabedoria e experiência. A sociedade o respeita e não há esse preconceito ao qual estamos acostumados.

A visão da velhice é a visão da morte, o que nos faz temer o idoso, uma vez que ao nos depararmos com ela, acabamos nos deparando com a idéia de nossa própria vulnerabilidade, isto é, com a certeza de que todos nós iremos morrer um dia.

A velhice é o tempo em que se acentua o declínio biológico, quando as reações de catabolismo irão superar as de anabolismo, ou seja, a degradação se sobrepõe à síntese. As perdas corporais acabam dando origem a um sentimento de luto no psiquismo do idoso. Esta situação se agrava, ainda mais, com o vazio que vai se instalando a partir da sucessão de mortes entre parentes e amigos.

É sabido que a noção de equilíbrio do ser humano vem da concordância entre fatores externos e internos. O idoso perde esse equilíbrio e adquire um sentimento de vulnerabilidade e finitude decorrentes de suas limitações físicas e sociais. O velho situa-se, então, na mesma posição da criança. Com a diferença de não ser alvo das mesmas esperanças. Essa semelhança, porém, explica o fato de vermos um maior vínculo entre crianças e idosos do que entre jovens e idosos.

Com o passar do tempo, o velho vai se desligando da vida, devido à perda de vínculos afetivos com os objetos. Ele irá, então se isolar do mundo, criando um mundo só seu, no qual o valor simbólico das perdas é muito maior do que aquele a que estamos acostumados. Ao mesmo tempo,

irá se apegar muito mais aos bens e conceitos. É conveniente lembrar, ainda, que, apesar da degeneração física, não haverá declínio da sexualidade, ou seja, da sua capacidade de se abrir para o próximo, a fim de diminuir sua sensação de falha essencial.

O idoso busca no médico não só a possibilidade de recuperar seu equilíbrio externo, como também a oportunidade de restaurar um narcisismo constantemente abalado. O médico, por sua vez, deve estabelecer um contato afetivo condizente com as necessidades de seu paciente, estimulando-o a estabelecer vínculos. Deve valorizar as capacidades remanescentes, como algumas habilidades, interesse ou conhecimento. Isto pode ser mais eficaz do que o uso de remédios.

O atendimento apressado, mesmo com certa eficiência, está a um passo da prepotência e até da intolerância e só vai afugentá-lo, confirmando seu sentimento de desvalia pessoal. O médico deve ser, também, cuidadoso com as exigências a serem feitas ao paciente idoso, pois elas podem se tornar uma arma contra o tratamento, agravando, ainda mais, a sensação de inutilidade.

Não se deve pedir ao idoso que se desligue de seus objetos, pois isso será para ele uma tarefa difícil, penosa e desestabilizadora para seu equilíbrio, uma vez que ele se apóia na constância de seus vínculos, estimulações e satisfações. A família deverá, por sua vez, ser orientada para evitar confinar o idoso em um asilo, ou que inicie a constante peregrinação por casas de parentes. Em último caso, o impacto da internação poderá ser amenizado, se alguns de seus objetos puder levar alguns de seus objetos, para tornar a situação mais estável e segura.

O médico deve incentivar a família do idoso a ampliar sua capacidade de tolerância e reaprender a desfrutar de sua companhia. Para isto ele mesmo deve ser capaz de lidar com a idéia de seu próprio envelhecimento e morte, lembrando-se das palavras de Sartre: *"para nos sentirmos reais precisamos da nossa imagem refletida no olhar do outro"*.

MELHOR JUIZ, O PÚBLICO

"Não obstante a indiscutível importância do grupo frente aos problemas que enfrentamos na atualidade, gostaria de dar destaque ao fato, não menos importante, de que é a oportunidade que novos talentos têm nesse espaço que o grupo oferece".

Luiz Eduardo G. Pipa

"Um bom grupo, com harmonia e com textos coerentes e sensatos. Excelentes figurinos e beleza. Forte contexto social e político".

Ivan Paes Barreto Amaral

"Apresenta um trabalho extremamente sério e competente. A preocupação não é só de passar uma mensagem, mas uma mensagem com arte que emocione e também provoque risos".

Emilene de Oliveira Campos

"O Grupo Divulgação é excelente grupo teatral. Tem muita competência; aborda temas bem atuais, sociais e políticos. Já é tradição em JF".

Maria Auxiliadora Santiago

"É um grupo que tem uma linguagem que entendemos com facilidade e as peças são maravilhosas e atuais".

Jakeline Ferreira Andrade

"O Grupo Divulgação nos tem demonstrado que a cultura e a arte não podem ser privilégio de uma minoria. Espero que ele possa continuar incentivando as pessoas a formarem outros grupos na cidade".

Adriana Carlos

"É um grupo de muito talento e criatividade. Tem escolhas muito felizes com relação aos temas das peças que representa".

Ingrid de Carvalho M. Ventura

"Excelente. Deve continuar. É a melhor atividade 'não acadêmica' da UFJF".

Márcio Caetano Brugger

"O Grupo Divulgação tem nos mostrado que a arte de representar fortalece a memória dos nossos grandes escritores do passado. E abre a cultura e a arte à comunidade de JF".

Dalva Carvalho Ribeiro

"Conheço vários grupos de teatro no país. O Divulgação, com certeza, é um dos melhores. Gosto muito".

Márcio Ulisses Paiva

"Numa cidade marcada pelo vazio cultural, é um dos únicos focos de resistência em teatro. Que esta luta continue!".

Elisângela Esteves Mendes

"Acredito ser um marco na produção e 'divulgação' da cultura em nossa região. Mérito maior ainda, são iniciativas como levar o teatro às variadas classes sociais menos favorecidas".

Denir de Almeida Duque

"Importante espaço de desenvolvimento da cultura em JF. Sem dúvida, o braço mais marcante da UFJF fora da sala de aulas".

Alexandre R. Miranda

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO
apresenta

A escada de Jacó

de
JOSÉ LUIZ RIBEIRO

FELÍCIA
SARA
LEÔNCIO
DEODATO
ISALTINO
DEOCLÉCIA
MARCELO AUGUSTO
TIANA

DRAMATURG E FIGURINO
ILUMINOTÉCNICA
SONOTÉCNICA
MONTAGEM DE LUZ
APOIO ADMINISTRATIVO

CARTAZ
TRILHA SONORA, LUZ
CENÁRIO E DIREÇÃO

Marise Mendes
Márcia Falabella
Caíque Massena
José Luiz
Pedro Chicri
Érica Salazar
Rodolfo Lisboa
Fátima Amorim

Malu Ribeiro
Flávio Moraes
Giovanna de Carvalho
Carlos Brandi
Virgínia Fonseca
Alessandro Barbosa
Analice Franco
Augusto Alfredo
Paulo de Oliveira
Patrícia Julien

Augusto França

José Luiz Ribeiro

GRUPO DIVULGAÇÃO

Espetáculos apresentados

ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros

TEATRO INFANTIL

A onça de asas
O circo de bonecos
História de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata
Passa, passa, assombração
D. Chicote Mula-Manca
O rouxinol do pescador
O caju encantado
Estórias pra boi dormir
O carteiro do rei
O dragão verde

Walmir Ayala
Oscar von Pfuhl
Ilo Krugli
Gabriela Rabelo
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
Sylvia Orthoff
Zuleika Mello
José Luiz Ribeiro
Maria Helena Kühner
José Luiz Ribeiro
Ana Maria Machado
Liliana Neves
José Luiz Ribeiro
Oscar von Pfuhl
José Luiz Ribeiro
Paula Schmidt
José Luiz Ribeiro
Tagore/José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado

GRUPO DIVULGAÇÃO

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião
O urso
Bodas de sangue
Electra
Diário de um louco
Pequenos burgueses
A visita da velha senhora
Escola de mulheres
Escurial
Romanceiro da Inconfidência
Maria Stuart
A morta
O patinho torto
Yerma
Seis personagens em busca de um autor
As criadas
Arlequim servidor de dois amos
Calígula
Guerra mais ou menos santa
Pedreira das almas
Só o faraó tem alma
O beijo no asfalto
Mas que papel, seu bacharel!
O estado de sitio
Boca do inferno
A mandrágora
O rei da vela
Como se fazia um deputado
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória
O jardim das cerejeiras
Esta noite se improvisa
O inspetor geral
Fausto
Girança
A casa de Bernarda Alba
Grito mudo
As aventuras do tio Patinhas
A aurora da minha vida

Nerthan Macedo
Anton Tchekhov
Garcia Lorca
Sófocles
Nicolai Gogol
Máximo Gorki
Dürrenmatt
Molière
Ghelderode
Cecilia Meireles
Schiller
Oswald de Andrade
Coelho Netto
Garcia Lorca
Pirandello
Jean Genet
Carlo Goldoni
Albert Camus
Mário Brasini
Jorge Andrade
Silveira Sampaio
Nelson Rodrigues
José Luiz Ribeiro
Albert Camus
Marcus Vinícius
Maquiavel
Oswald de Andrade
França Júnior
Dias Gomes e Ferreira Gullar
Anton Tchekhov
Pirandello
Nicolai Gogol
Goethe
José Luiz Ribeiro
Garcia Lorca
José Luiz Ribeiro
Augusto Boal
Naum Alves de Souza

Canga
O mercador de Veneza
Era sempre primeiro de abril
Todomundo
Édipo-Rei
O burguês fidalgo
Vereda da salvação
Il teatro comico
Como se come um homem
A torre em concurso
O homem e o cavalo
A escada de Jacó

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e vida severina
Coral Universitário
Belmiro, Murilo e Pedro Nava
Camões
A menina casadoira
Pic-nic no front
Sganarello
Lição de Molière
Farsa do Mestre Pathelin
Manuel Bandeira, do Brasil

José Luiz Ribeiro
William Shakespeare
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Sófocles
Molière
Jorge Andrade
Carlo Goldoni
S. Mrozek
Joaquim Manuel de Macedo
Oswald de Andrade
José Luiz Ribeiro

João Cabral de Mello Neto
José Luiz Ribeiro (texto)
José Luiz Ribeiro (colagem)
José Luiz Ribeiro (seleção)
Eugène Ionesco
Arrabal
Molière
José Luiz Ribeiro
Anônimo medieval
Malu Ribeiro (org.)

PATROCINADORES:

Le Postiche - A sua melhor opção.
Av. Rio Branco, 1963 - Fone: 215.5290

Kaiser - Uma grande cerveja.

NET - O seu curso de Informática.
Ed. Stella Central, sala 910 - Fone: 213.4737

APOIO:

MANIA DE CRIAR - Uma nova filosofia em publicidade.
Rua Oscar Vidal, 274 - Fone: 216.2056



OFICINA DE IMPRESSÃO
GRÁFICA E EDITORA LTDA
Rua da Glória, 156 - Morro da Glória
Juiz de Fora - MG - 215-9522

AGRADECIMENTOS:

Reitor da UFJF: Prof. Renê Gonçalves de Mattos

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Extensão:
Profa. Sônia Maria Rocha Heckert

Coordenadora de Extensão: Profa. Sueli de S. Lima

Coordenador de Cultura: Prof. Gilvan P. Ribeiro

Funcionários do Forum da Cultura

Funcionários da Imprensa Universitária da UFJF

Aos que, durante estes 29 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência.

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que:

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro."

GARCIA LORCA